RESUMO EXPANDIDO - GT 15 - RELAÇÕES INTERNACIONAIS: TEORIA, HISTÓRIA E PODER

O IMPACTO SOCIAL DA PRODUÇÃO DE COCAÍNA E DA INTERVENÇÃO ESTADUNIDENSE NA COLÔMBIA

Gabriel Filipe Batista (gabriel_fbatista@hotmail.com)

O artigo trabalha a questão intensificação da intervenção estadunidense na Colômbia a partir dos anos 1990 e os seus impactos sociais na vida dos colombianos. A invasão ao Panamá em 1989 para captura Marcelo Noriega foi fator primordial para a demonstração da política de “tolerância zero” com as drogas. Esse caso mostrou que a partir daquele o momento o governo dos Estados Unidos estaria disposto a fazer uso de qualquer meio, seja político ou militar para que se intensificar o combate ao narcotráfico. Após a captura de Noriega, foi ficando muito clara a mensagem que os EUA estavam querendo passar, que daquele momento em diante a guerra ao narcotráfico passava a ser tratado como um problema totalmente de

segurança nacional. Também vemos que em contrapartida há uma clara vontade do

governo colombiano de voltar sua política externa para a relação com os EUA. Para

Tokatlian(2008), a apropriação e uso por parte dos tomadores de decisão da

construção e autoafirmação da Colômbia como sendo um estado falido, foi essencial

para legitimar aquilo que o autor define como “uma crescente e massiva intervenção

estadunidense nos assuntos colombianos” Neste artigo veremos os impactos que a

política intervencionista dos norte americanos gerou para a população da Colômbia.

Ao longo do artigo poderemos ver alguns impactos positivos, como é o caso da

redução dos níveis de homicídio no país durante a intervenção. Segundo

Barón(2009) no período entre 2000 e 2006 a taxa de homicídio reduziu em cerca de

40%, saindo de 28 mil em 2000 para 18 mil homicídios em 2006. Porém o foco

principal da intervenção estava em reduzir a produção e exportação da cocaína para

o território norte americano. Dessa forma, no que se refere o combate às drogas,

dados do governo colombiano indicaram uma redução de 46,4% nos cultivos ilícitos

de coca, onde na maioria das vezes eram feitos por “cocaleros” que eram obrigados

pelos narcotraficantes a cultivar a planta em troca de pagamentos, que eram muito

maiores do que os incentivos dados pelo governo para que parassem a produção da

folha de coca, dessa maneira, após o desmantelamento de diversas plantações,

esses cocaleros ficavam com poucas formas de sobrevivência, e na maioria das

vezes, com baixíssimas ajudas por parte do governo. Não é difícil constatar que o

que prevalecia nas relações Colômbia/EUA era a agenda estadunidense, bem como suas estratégias e diagnósticos acerca do tema da cooperação, ficando dessa forma refém das prioridades dos EUA naquele momento.